



---

## Quando “negócio de menino com menina” acontece em sala de aula: análise da função mediadora do planejamento pedagógico

Maria Lúcia Pessoa Sampaio (UERN)

**RESUMO:** Objetiva-se, aqui, focalizar as práticas de planejamento de leitura, voltadas para a implementação do gênero literário “conto”. Das cinco sessões de leitura de contos literários que se constituíram *corpus* da pesquisa-ação, elegeu-se, para esta análise a quarta sessão, tendo-se como aportes teóricos os estudos acerca do planejamento (VASCONCELOS, 1999, PADILHA, 2002). A concepção de língua tem por base o sócio-interacionismo (BAKHTIN, 1997; VIGOTSKI, 1996; BRONCKART, 1999). Os resultados apontam para a importância do planejamento, que desempenha a função mediadora, na medida em que ao plano foi atribuído o estatuto de instrumentalizar a ação docente, servindo-lhe como guia para discussão do texto literário.

Palavras-chave: Leitura; planejamento pedagógico; conto literário.

### Introdução

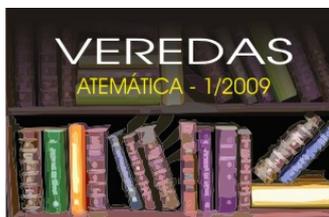
A análise proposta tem como fio condutor à tese de doutorado, que versa sobre “*a função do planejamento na aula de leitura de textos literários*” (PPGE/UFRN). A presente investigação compõe-se de três etapas, porém, focaliza-se, aqui, a terceira (2002/2005), na qual desenvolveu-se pesquisa-ação participativa. Têm-se como participantes professores de Língua Portuguesa (3º ciclo) e outros segmentos de uma escola pública de Pau dos Ferros – RN, na qual se desenvolveram esses estudos.

A partir dos dados da sessão de leitura do conto “Negócio de menino com menina”, de Ivan Ângelo, objetiva-se, aqui, analisar a atuação da professora e dos aprendizes, diante do trabalho com o conto, enquanto gênero literário, tendo como referência de análise o planejamento pedagógico como mediador do processo de ensino-aprendizagem.

Tomam-se, como bases teóricas para essa investigação, os estudos sobre planejamento participativo (VASCONCELOS, 1999; VIANNA, 2000), orientando-se, mais especificamente, pelo planejamento dialógico (PADILHA, 2002). A perspectiva de ensino de língua/leitura adotada orienta-se pela concepção sócio-interacionista da linguagem (BAKHTIN, 1997; VIGOTSKI, 1996; GRAVES & GRAVES, 1995), enfatizando-se, também, os estudos de Smith (1991). Para o estudo dos gêneros textuais, apóia-se em Bronckart (1999), além dos PCNs (1998) enquanto referenciais. A análise envolve, ainda, a Estética da Recepção (JAUSS, 1979; ISER, 1996/1999 e ECO 2002), dada à atuação do leitor e sua interação com o texto.

### 1. Justificando a escolha do conto na aula de leitura

A sessão de leitura, em análise, foi desenvolvida pela professora Ângela (nome fictício),



---

no qual foi utilizado o texto “Negócio de menino com menina”, que faz parte do livro “De conto em conto” – Volume 2. Esse livro se constitui numa antologia de contos, nove no total, escritos por diferentes escritores brasileiros. O referido conto foi escrito por Ivan Ângelo, jornalista e escritor mineiro contemporâneo, apresentando uma vasta trajetória como contista e cronista de diversos jornais e revistas de circulação nacional. Das suas principais obras, destacam-se: A casa de vidro (1979); A face horrível (1986); A festa (1976), este recebedor do prêmio Jabuti, entre outros.

Conforme resenhado pela professora-participante, a escolha do conto para essa sessão se justifica pelo fato de “agradar adultos e crianças, principalmente, por questionar o valor do dinheiro” (cf. plano da sessão de leitura) e o poder que este exerce nas diferentes situações, no contexto da sociedade capitalista.

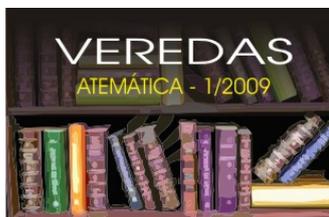
O seu foco traduz a difícil negociação de um passarinho, entre o fazendeiro e um menino, de modo que o primeiro acredita que o dinheiro compra tudo, dado o comprovado poder de insistência do fazendeiro; já o menino expressa como único desejo levar o passarinho para casa e mostrá-lo a sua mãe, enquanto resultado de sua caçada durante uma manhã inteira. Toda disputa que envolve o enredo é impulsionada pela filha do dono da fazenda, que queria que o pai comprasse o pássaro, independente do desejo do vendedor. O que surpreende o leitor na história é a iniciativa do menino, ao afirmar que, no dia seguinte, o passarinho seria doado para a menina, sem nenhum custo, demonstrando não ser este objeto de comercialização, mas de afeto, já demonstrado, à primeira vista, pela filha do fazendeiro.

Numa trama que envolve emoção e sensibilidade, através de uma linguagem concisa e adequada, a narrativa funciona como uma tradução dos mais diversos sentimentos experimentados pelo homem, ao revelar detalhes do comportamento humano, que vai do medo à simpatia, à insegurança, à esperteza, à ingenuidade até chegar ao alívio final. Com apenas três personagens, o conto exprime relações de poder, embora o que prevaleça na história é a resistência, manifesta pelo menino ao se contrapor às irresistíveis ofertas do comprador, demonstrando, assim, que há outras formas de poder. O texto demonstra o compromisso social do narrador ao não infantilizar o enredo, favorecendo, assim, a leitura do conto por pessoas de qualquer idade.

## **2. Planejando a sessão do conto literário “Negócio de menino com menina”**

Para se discutir o plano da sessão de leitura do conto “Negócio de menino com menina”, adotou-se o roteiro da andaimagem (GRAVES e GRAVES, 1995), que envolve duas fases: a primeira, de planejamento, e, a segunda, de implementação. Na primeira fase, consideram-se pelo menos três aspectos: os alunos, a seleção do texto e os objetivos da leitura. Para a segunda, devem se levar em conta três atividades: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Portanto, o plano dessa sessão está estruturado com base nesses três momentos distintos, mas interligados entre si.

Apresenta-se como objetivo central do plano “resgatar a audição dos contos, sensibilizando os alunos para a prática da escuta”. Isso porque, de acordo com dados apresentados em pesquisa anterior (SAMPAIO, 2002), realizada pela professora-pesquisadora nessa mesma escola, há uma grande dificuldade dos alunos em escutar os



---

colegas, inclusive a própria professora em sala de aula. Para efeito de análise, optou-se por desmembrar o objetivo principal em dois objetivos relativos à atividade: 1) “resgatar a história dos contos” e, 2) “sensibilizar os alunos para a prática da escuta” em sala de aula.

Durante a fase de pré-leitura, combinou-se que o primeiro procedimento metodológico adotado pela professora-participante seria “relembrar algumas características do conto”, uma vez que, em tese, já havia trabalhado o gênero conto nessas turmas. Depois, seria o momento de instigar os alunos para que os mesmos pudessem “contar alguns contos por eles conhecidos”, com vistas a propiciar a prática de escuta em sala de aula.

Uma breve “apresentação da obra, autor e o ilustrador” seria o passo seguinte a ser explorado pela professora-participante. Em seguida, junto aos alunos, esta lançaria “previsões sobre o texto” e, por último, a “entrega dos livros aos alunos”, para o devido acompanhamento da leitura do conto pelos mesmos. Como registrado no plano dessa sessão, a leitura seria realizada, em voz alta, pela professora-participante e acompanhada pelos aprendizes, objetivando estimular a prática da escuta.

Para a pós-leitura, elegeram-se apenas três procedimentos no plano, quais sejam: “verificação das previsões apresentadas” durante a pré-leitura; depois, a “discussão do texto, com vistas a perceber a recepção e atribuição de sentido do mesmo junto aos alunos” e, por último, “estabelecimento da relação texto-vida a partir da leitura do conto”. Consta, ainda, no plano dessa sessão, uma “atividade de produção oral e escrita”, para ser desenvolvida a partir de dois procedimentos metodológicos: primeiro, a realização do “reconto oral e ou escrito da história, com vistas à dramatização” e, segundo, a “criação de desenhos com base no conto”.

Para o momento da “análise lingüística (oral e escrita)”, planejou-se que, a partir da observação *in loco*, a professora-participante elege-se, pelo menos, “dois problemas apresentados nas produções orais e ou escritas para discussão com a turma”. Para finalizar a sessão, propôs-se a “avaliação da atividade”, tanto pelos alunos quanto pela professora, além da “indicação de novas leituras do livro” aos alunos.

### **3. A função mediadora do planejamento em sala de aula**

Visando a analisar a atuação pedagógica da professora Ângela no decorrer da sessão de leitura, com base no planejamento pedagógico, tiveram-se, como apoio, as transcrições dos dados da referida sessão, bem como as observações *in loco*. O conteúdo trabalhado foi o gênero literário conto, mais especificamente, o conto “Negócio de menino com menina”, cujo objetivo da sessão traduz a necessidade de “resgatar a história dos contos, sensibilizando os alunos para a prática da escuta”.

A professora, ao apresentar o livro, e como forma de aproximá-lo dos alunos, além de favorecer um clima pedagógico, fez questão de ressaltar que certamente muitos deles já o tinham consultado, justificando que, naquela sala, havia uma “turminha boa que gosta de ler”. Esse aspecto, já manifesto noutra sessão realizada por esta mesma professora, deve ser considerado, uma vez que ao considerar seus alunos leitores a professora contribui de forma positiva para a auto-estima dos mesmos, de modo que assim como o livro exerce prestígio social, eles como leitores, se sentem também valorizados.

Discutir o que seria um conto e relembrar algumas de suas características foi o



procedimento adotado pela professora-participante, conforme planejado. Dando seqüência ao plano, a professora Ângela instiga os alunos a falarem de suas leituras, especialmente dos livros por eles recebidos da coleção “Literatura em minha casa”. Os alunos, por sua vez, esforçam-se em lembrar suas leituras, revelando satisfação em apresentá-las. É o que esse recorte pretende ilustrar:

*Episódio 01:*

**Profª Ângela** – [...] Então, o conto que a gente vai ver é bem interessante, muito bonita mesmo a história. Alguém já leu alguns contos do livrinho que receberam? Já leu, Leandro?

**Leandro** – Eu já.

**Profª Ângela** – Qual foi o conto que você leu, Leandro, do livro?

**Leandro** – O conto da da/

**Profª Ângela** – Qual foi que você recebeu, né?

**Aluno** – Professora.

**Profª Ângela** – Diga?

**Aluno** – Foi um conto que falava sobre as crianças. Era até um livrinho rosa.

**Profª Ângela** – Como era o nome do conto?

**Aluno** – Silva Orthof, sei lá.

**Profª Ângela** – Sílvia Orthof, justamente

**Aluno** – Aí, na capa falava da vida dele de pequeno, aí estava falando que ele colecionava minhocas, jogava conversas paralelas, não estudava, assim, só brincava de pipa.

**Profª Ângela** – Ela estava contando a história do menino.

**Aluno** – Aí ele estava falando que antigamente estava fazendo uma competição de piroca.

**Profª Ângela** – Competição de piroca?

**Aluno** – Sim ((rindo)).

**Profª Ângela** – Pra ver de quem era a maior? Quem mais que já leu algum conto?

**Aluno** – Eu.

**Profª Ângela** – Diga, Leandro.

**Leandro** – Li a história da Iara.

**Profª Ângela** – Você leu a história da Iara? Qual é a história da Iara, diga aí?

**Profª Ângela** – Ela embelezava os pescadores, não é? Como o conto [inaudível].

**Leandro** – Era [inaudível] um passarinho, era levado pelos pescadores, né?

**Profª Ângela** – Serra, diga você.

**Serra** – Eu já li a lenda do Sucupira. Achei muito boa. Aquele conto folclórico.

**Profª Ângela** – É o saci pererê. Faz parte do folclore, né?

**Serra** – Porque o negrinho de uma perna só ((risos)). Eu sempre gostei muito daquele conto.

**Profª Ângela** – Maciel, você gosta muito de ler. Diga, Maciel, um conto que você leu?

**Maciel** – Esqueci.

**Profª Ângela** – Esqueceu do conto? As meninas?

**Maciel** – O que eu li não gostei muito.

**Profª Ângela** – Ninguém mais leu? Um de cada vez, João Paulo.

**João Paulo** – Eu li um conto sobre/ que se chamava o vaqueiro que não sabia mentir. Essa história conta de um fazendeiro que tinha dois orgulhos, que era o boi dele, o boi barroso, que era considerado o boi mais bonito, mais forte daquela região e o vaqueiro, que ele considerava um campeão. **Serra** – Aí, no final, eles se casaram e ficaram com o saco de dinheiro.

Nesse episódio, constata-se que as perguntas dirigidas pela professora-participante aos alunos, acerca de suas leituras, com vistas a fomentar a discussão do resgate dos contos por



---

estes conhecidos, se apóiam nos livros recebidos pelos mesmos. Esse fato provoca questionamentos por parte da professora acerca dessas leituras, visto que, intencionalmente, a professora busca validar seus argumentos no decorrer das duas sessões observadas de que há de fato nessas turmas “uma turminha boa que gosta de ler”, de “consultar livro na biblioteca”. Porém, somente alguns sujeitos lembram vagamente o que foi lido, além de confundirem o nome da autora com o título do conto.

A professora também demonstrou desconhecer os livros recebidos pelos alunos e, conseqüentemente, as histórias que fazem parte desse repertório que deveriam ser comum a professores e alunos. Até porque os professores do Ensino Fundamental trabalham com várias turmas, o que dificulta dar conta dos diversificados títulos entregues aos alunos. Caberia aos responsáveis pela política de leitura do MEC (Ministério da Educação e Cultura) enviar exemplares também para os professores, já que dada as reais condições culturais e econômicas, estes, assim como os alunos, são excluídos de acesso a bens culturais, como livros literários.

A dificuldade de acesso a livros de literatura motivou discussão entre os participantes no decorrer dos estudos teórico-metodológicos, quando se comentava a respeito da ausência de um repertório de leitura significativo por parte do professor. Esse aspecto realçou a dificuldade presente na ação pedagógica do professor, enquanto mediador e leitor mais experiente, dificultando, assim, o fornecimento de andaimos mais precisos acerca dos livros e dos contos mencionados.

Vale ressaltar que, em virtude da entrega nacional da coleção “Literatura em minha casa”, foi promovido pelas Secretarias de Educação de cada Estado do país, inclusive no RN, além de ser divulgado nacionalmente, um dia destinado à leitura, em todas as escolas, justamente para que os professores ajudassem e incentivassem os alunos para leitura desses livros doados. Conforme notas de campo, a escola já havia realizado esse trabalho, mas a exemplo do que ocorreu em outras realidades, constatou-se que os alunos receberam esses materiais, no entanto, não reconheceram sua importância, visto que, na época da coleta de dados dessa pesquisa, verificou-se que ninguém da biblioteca e nem os professores sabiam que livros foram entregues às turmas e nem mesmo os alunos foram capazes de dizer quais haviam recebido. A ausência de orientação e controle nas entregas desses materiais fez com que a maior parte dos alunos não conseguisse mais recolher em suas casas os livros para uso na pesquisa, sendo necessário que a professora-pesquisadora fotocopiasse material para complementar a atividade de leitura.

Sendo o leitor eminentemente seletivo, a ponto de que só permanece na memória aquilo que tem significado (SMITH, 1991), vê-se, ainda, no episódio apresentado, que os alunos expõem algumas passagens lidas, mesmo de forma limitada, embora não mencionem como, onde e com quem leram. Considerando-se que para os alunos, enquanto leitores em processo de formação, a experiência nem sempre é compartilhada, de maneira que as informações, e o enredo da história geralmente não se consolidam na primeira leitura, evidenciando-se, assim, que outras leituras caíram no esquecimento, de forma que alguns não foram capazes de mencionar nenhum texto de seu conhecimento.

Considera-se, também, o fato de que as práticas de leitura que ainda se presentificam na escola se constituem numa leitura solitária, individual, cuja ação do leitor é vista como algo



---

de cunho pessoal, não autorizado ao público. Entretanto, emerge, ainda, a leitura partilhada ou pelo menos um repertório em comum entre João Paulo e Serra. Este último mostra indícios de ser conhecedor de outras histórias, inclusive, não se sabe onde e como teve acesso, mas sendo capaz de reconhecer até mesmo o gênero “conto folclórico”.

Com vistas ao melhor adentramento no texto a ser lido, a professora, assim como planejado, passa a explorar as previsões dos alunos acerca do título, de modo que estes chegam a prever que “Negócio de menino com menina” só pode ser namoro ou amizade. A professora Ângela distribui os livros, apresenta o autor do conto e faz mistério em relação à página do livro, na qual se encontra o conto, ficando algumas crianças curiosas; outras mais ansiosas. Em vez de os alunos buscarem o sumário do livro ou folhearem para identificar o título já mencionado pela professora, alguns se dirigem até a mesma para ver a página, outros perguntam insistentemente. Por fim, a professora explicita a página, pede silêncio aos alunos para a leitura em voz alta e estes a acompanham sem nenhuma interrupção.

Na atividade de pós-leitura, a professora Ângela submete os alunos à confirmação das previsões e à discussão da história. Embora Eco (2002, p. 56) tenha destacado que “os textos nem sempre são tão maldosos e, em geral, tendem a conceder ao leitor o prazer de fazer uma previsão que se revelará correta”, com esse conto essa assertiva não pode se evidenciar verdadeira, pois, convicta da não confirmação da previsão, a professora logo introduz uma questão que direciona a relação texto-vida, ao perguntar se “alguém conhece algum menino que caça”. As crianças demonstram conhecimento a esse respeito, porém a professora testemunha conhecer alguém que tem como ofício caçar e pescar, e passa a relatar uma história de uma pessoa da comunidade que caça desde os oito anos de idade. Esse depoimento envolve os alunos, inclusive no sentido de advertir os riscos de câncer de pele, como consequência dessa atividade nessa região tropical.

Conforme o planejado, como atividade estabeleceu-se o reconto oral ou escrito, com vistas à dramatização. No entanto, a professora-participante encaminha essa atividade, mas redimensiona o plano à medida que utiliza ambas atividades e descarta a dramatização do reconto.

A atividade de recontar história, no episódio em análise, aponta para dificuldade dos alunos em reconstituir de forma independente a narrativa. No processo de produção do reconto, outro elemento propulsor destacado na atitude da professora, nesta e na sessão anterior, foi que, além dos andaimes por ela oferecidos para auxiliar os sujeitos na construção dos recontos, destaca-se, ainda, a necessidade de uma nova leitura como observado e sugerido pela professora.

Eco (2002, p. 18), ao falar de sua experiência pessoal, afirma que a releitura não mata a magia do texto, mas, ao contrário, o ato de reler nele provoca uma nova paixão “como se estivesse lendo pela primeira vez”. Esse aspecto pode ser observado na fala de um aluno. Após ouvir a releitura, este afirma: “Não, a história, eu li a história, quer dizer eu escutei a história, a história é muito boa. Porque fala de um menino que pega passarinho, como esse povo aí, né?”. Outro ponto destacado é que a releitura provoca uma nova discussão sobre o texto, inclusive, de um elemento importante que é a identificação de um aluno da sala enquanto caçador de passarinhos, como demonstrado a seguir.



---

### *Episódio 2:*

**Profª Ângela** – O exemplo aqui pode ser o Ernani, que caça, pega passarinho e vende também, não é Ernani?

**Aluno** – É um trabalho!

**Profª Ângela** – Já é um trabalho, justamente.

**Ernani** – E ele fez muito bem de não vender aquele passarinho, porque o cabra vende um passarinho por vinte mil, trinta mil, trinta, dá pra comprar uma ruma de coisa, não é só uma bicicleta velha, um saco de feijão. Dá para comprar uns três bois.

**Profª Ângela** – Dinheiro aqui para ele não faltava, né?

**Ernani** – E depois, no final do texto, ele deu o passarinho.

**Profª Ângela** – Como foi que você compreendeu isso aí? Por que será que ele deu o passarinho a ela?

**Ernani** – Porque ele deve ter gostado dela, ter achado ela bonita e outras coisas. Bom, na hora em que você falou, como é mesmo o nome do texto, negócio de menino com menina [inaudível]. Começaram pensando que era alguma coisa de namoro. Mas aí quando todo mundo leu o texto, descobriu, e não tinha nada a ver que nem esse aqui falou e outros aí falou.

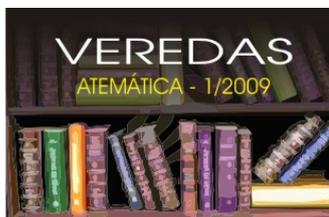
**Profª Ângela** - Não tinha nada a ver, mas assim mesmo não é interessante?

**Ernani** - É interessante.

No episódio anterior, observou-se a participação de Ernani e sua identificação com a história. A propósito, Ernani se reconheceu como caçador e portador de um ofício, como ele mesmo define: “é um trabalho”, e, por isso, a professora trata, também, de validar sua informação. O referido aluno, ao opinar sobre o texto, exerce sobre ele a autoridade de quem lida com o assunto, porém pontua um aspecto abordado no texto, no que diz respeito aos valores da moeda, dada a informação de que o proprietário chegou a oferecer cinquenta mil pelo pássaro. Para Ernani, atualmente, esse valor em reais seria muito alto, cuja quantia mencionada não daria só para “comprar uma bicicleta velha e um saco de feijão”, pela sua avaliação daria para “comprar uns três bois”.

Dando continuidade ao plano, vê-se que a professora redimensionou o que estava proposto, que seria optar por uma atividade oral e/ ou escrita, pois, como já analisado, esta encaminhou a atividade oral, e, em seguida, passa a encaminhar a escrita, com ilustração. Nesse processo de construção do reconto escrito, é visível a compreensão que a professora apresenta a respeito do princípio subjacente ao processo de ensino-aprendizagem, que tem respaldo na teoria de Vigotski (1996), ao abordar o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Esse aspecto pôde ser evidenciado nas atitudes da professora Ângela, no tocante á condução das atividades observadas, durante as sessões por ela desenvolvidas, destacando-se a valorização dada aos trabalhos em equipes: “[...] vamos lá, um ajudando o outro [...]”. Considera-se que a gênese desse conceito está na compreensão de que o desenvolvimento intelectual converge do social para o individual. Desse modo, qualquer prática pedagógica comprometida com a dimensão desse conceito convém privilegiar a mediação do adulto mais experiente ou a colaboração com companheiros mais capazes, dele decorrendo, portanto, importantes implicações pedagógicas.

Observou-se, nessa sessão, que assim como nas demais até então desenvolvidas, não houve avaliação das atividades. Antes que os alunos apresentassem a produção de seus



recontos, a professora-participante estimulava-os a fazer outras leituras, ao assinalar que:

Eu já andei dando uma lida aí e tem coisinhas diferentes. Na biblioteca, têm muitos contos interessantes e que vocês podem consultar, né? Muito conto interessante, tem outros que eu tenho certeza que vocês vão gostar olhe, um conto que eu tenho certeza que vocês vão gostar dele, é esse passeio [inaudível], quem quiser saber o que se passava nesse conto, vá na biblioteca e consulta esse livrinho. Leandro já olhou, Leandro vai gostar. “Passeio” o nome do conto, depois vocês vão lá na biblioteca pegar o livro.

(TRANSCRIÇÃO DA 4ª SESSÃO DE LEITURA – TURNO 202, p. 167)

Concorda-se com Smith (1991, p. 212), ao afirmar que “a leitura pode tornar-se uma atividade desejada ou indesejada”. Dessa afirmação se deduz a importância do papel atribuído ao professor, ao estimular seus alunos a frequentarem a biblioteca, nela buscando subsídios para leitura. Essa atitude da professora-participante, através do convite à leitura, se constitui, portanto, em mais um provimento ou assistência que deve ser dada aos alunos, principalmente se se considerar que, no contexto dessa pesquisa, *a priori*, os alunos não demonstraram familiarização com atividades de leitura nem tampouco um contato maior com o texto literário.

Após a apresentação dos recontos pelas crianças, estas fizeram questão de fazer menção aos seus desenhos, explicando-os e colocando-os na direção da câmara filmadora, com vistas a registrá-los. A professora Ângela encaminha a atividade de análise lingüística, a única desenvolvida no decorrer das cinco sessões observadas, como destacado nesse segmento:

### *Episódio 3:*

**Profª Ângela** – [...] Eu vou copiar um pedacinho do texto de vocês no quadro, pra gente analisar a ortografia. Vamos prestar atenção à maneira que estão escritas as palavras e, então, eu vou começar pelo título, pra gente analisar, pois a gente vai analisar a maneira como foram escritas as palavras.

**Aluno** - É para escrever?

**Profª Ângela** – Não, olhe, eu estou escrevendo do jeito que está aqui na folha, certo? Vamos lá, Leandro, analisando aqui o título. ((A professora escreve no quadro o texto de um aluno)) Olha, *negôcio de menino com menina* ((escrito no quadro)), o que é que tem de diferente aqui nessa frase? Olhando pra cá, vamos, João Paulo.

**João Paulo** - O que é?

**Profª Ângela** - Essas palavrinhas aqui, essa frase *negôcio de menino com menina* tem alguma coisa diferente nessa frase? Nada de diferente aqui?

**Aluno** - [inaudível].

**Profª Ângela** - Não estou nessa primeira frase, ainda. No título ((Leandro se aproxima e aponta o erro da acentuação gráfica na palavra *negôcio*, que foi colocado um acento circunflexo, apaga-o e coloca um acento agudo)) Leandro vai consertar aqui. Como esse assento? Leandro disse que o acento é esse; como é o nome do chapuzinho?

**Aluno** – Circunflexo.

**Profª Ângela** – Então, o da palavra *negôcio* ele tinha colocado um acento circunflexo, né? Aquele que dá um som fechado à palavra. Se o acento circunflexo continuasse, como seria pronunciado essa sílaba, com esse tipo de acento? *Negôcio*, olha, não é o som fechado? Já mudaria o som, a pronúncia da palavra. Então, a palavra *negôcio* é o som aberto, som forte, tem uma sílaba forte. Nessa palavra, que é acentuada, isso aqui é um acento agudo, né? É um acento forte, que



---

indica a sílaba forte da palavra. Então, negócio estava diferente o quê? O acento, né? E agora ficou com o acento agudo, forte. Então, nessa frase tinha essa diferença. Va'mbora, gente, continuando, aqui. Era uma vez um minino ((Lendo no quadro)). Tem alguma coisa diferente aqui?

**Aluno** – Minino.

**Profª Ângela** - Onde é?

**Alunos** - É me, né? Menino, tinha colocado um “i” no lugar do “e”. Vamos continuando para frente que “pergou um passarinho” ((lendo no quadro)).

**Aluno** –É, pegou não tem esse “r”, não.

**Profª Ângela** - Não tem esse “r”, né? A palavra é pegou, então, nós vamos refazer o texto, vamos tirar o r. Chamado bico-lacre, era assim que estava no texto? O nome do passarinho? Bico de lacre. Ele esqueceu de colocar o “de”, não foi? É Bico de lacre “quando foi passando com o passarinho na Gaiola” ((lendo)). Tem alguma coisa diferente aí? Vamos prestar atenção.

Durante as sessões de leitura, bem como no planejamento prévio destas, tornou-se visível o desconforto das professoras em trabalharem a análise lingüística que versa sobre a possibilidade de o professor, junto aos seus alunos, refletir sobre a própria língua em situação real de uso.

De acordo com Rojo (2000, p. 30), os conteúdos indicados para as práticas do eixo da *reflexão sobre a língua e a linguagem* abrangem aspectos ligados à variação lingüística; à organização estrutural dos enunciados; aos processos de construção da significação; ao léxico e às redes semânticas e aos modos de organização dos discursos”. Além disso, os PCN's (BRASIL, 1998) fazem referência à importância de se trabalharem outros aspectos como a ortografia, enquanto reflexão sobre o processo de aquisição da escrita. Essas discussões devem envolver os mais diversos aspectos da gramática da língua portuguesa, respeitando as especificidades das turmas.

No episódio em análise, a professora privilegiou o estudo ortográfico, pois, conforme depoimento das professoras, de um modo geral, a dificuldade de uso da língua, nesse aspecto da aquisição da norma gramatical, se constitui numa das maiores preocupações do grupo de língua portuguesa, no trabalho com a produção de textos orais e escritos. As falas subsequentes a esse episódio convergem para a reflexão a respeito do uso da língua, com base num dos recontos de um dos alunos selecionados pela professora-participante.

No decorrer dessa atividade, percebeu-se que professora e alunos se sentiram à vontade e que essa prática de reflexão sobre a língua já vinha sendo realizada nessa turma. Durante um dos encontros de fundamentação (11º Encontro), ao se falar em reescritura de textos, a professora Ângela havia informado que houve um trabalho nesse sentido nas suas aulas, realizado por uma estagiária de língua portuguesa da Universidade (UERN), que estimulava os alunos a refletirem sobre a língua, através da própria produção, de modo que teve aluno que chegou a reescrever seis vezes um único texto.

Em função dessas evidências, o trabalho pedagógico inovador da professora em relação à análise lingüística, no contexto dessa pesquisa, veio desvelar a segurança e a importância demonstrada pela professora ao conduzir esse tipo de atividade, cuja recepção dos alunos veio reforçar a eficácia desse tipo de tarefa, assim como possibilitar a constatação *in loco* das reais necessidades e dificuldades dos alunos ao utilizarem a língua culta em suas diferentes modalidades.



---

## Conclusão

Com base nesse estudo, pode-se concluir, que em relação à implementação do plano nessa sessão, este foi trabalhado em sua totalidade, sendo incluído até mesmo a análise lingüística, atividade não explorada nas demais sessões das outras professoras-participantes. O redimensionamento do plano da sessão, no tocante às proposições nele apresentadas, ocorreu apenas num único momento: durante a atividade de produção oral e escrita, como mencionado anteriormente.

Das inserções e omissões na operacionalização do planejado, observa-se que, em relação ao primeiro aspecto, constatou-se a inserção da leitura pelo aluno, após a da professora; já a respeito das omissões, assim como aconteceu nas demais sessões, a professora deixou de avaliar as atividades como um todo, o que vem apontar para uma dificuldade geral das professoras em avaliar o processo de ensino-aprendizagem.

As diferentes estratégias utilizadas pelas professoras-participantes, inclusive, no caso de Ângela, por exemplo, no tocante ao relato de história, vem demonstrar que esse momento exige do professor ser conhecedor das reais condições da turma, de suas habilidades, da complexidade da estrutura narrativa apresentada pelo conto, bem como se a turma já vivenciou essa prática, noutros momentos.

Isso porque se verificou que a professora Ângela, ao solicitar que os alunos recontassem o conto, após a sua leitura, foi preciso que a mesma explorasse todo fio condutor da narrativa e, mesmo assim, não houve internalização da história por parte dos alunos, apesar do comprovado esforço destes. Outro aspecto que merece atenção em relação ao planejamento, bem como sua função mediadora é o caráter de flexibilidade que envolve sua implementação, pois, embora sua elaboração tenha sido em conjunto, nunca é implementado da mesma forma, uma vez que este implica nas experiências, conhecimentos e valores dos diferentes sujeitos da ação pedagógica, realçando, portanto, suas reais diferenças, as quais vem à tona durante a análise do processo de ensino-aprendizagem.

**ABSTRACT:**The aim of such a research is putting practices of reading planning in focus related to implementation of the literary genre "short story". We saw five classes in which the teacher approached short stories Among these five sections that form the *corpus* in this action research, we chose just one them to the analysis, that one proposed in the forth section. The theoretical background about lesson plan we took in Vasconcellos (1999), Padilha (2002) and Bronckart (1999) e also took as reference a language conception on social interaction by Bakhtin (1997) and Vigotsky (1996). The results show the importance of planning that develops a mediating role, in the sense that it serves to support teacher's actions. In addition, the pedagogical planning works as a guide to literaty text discussion.

Keywords: Reading, pedagogical planning, short story.



---

## Referências Bibliográficas

- ÂNGELO, I. Negócio de menino com menina. In: *De conto em conto: antologia de contos*. São Paulo: Moderna, 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermanita Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental - língua portuguesa*. Brasília, 1998
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado; Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- ECO, U. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Hildegard Feist. 6. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GRAVES, M. F.; GRAVES, B. B. *A experiência de leitura pro andaime: uma referência flexível para ajudar os estudantes a obter o máximo do texto*. USA: UKRA, 1995.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1. Trad. Johanes Kretshmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. Trad. Johanes Kretshmer. São Paulo: Editora 34, 1999.
- JAUSS, H. R.; ISER, W. et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PADILHA, P. R. Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola. Guia da escola cidadã. V. 7, 2. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.
- ROJO, R. A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.
- SAMPAIO, M. L. P. *A relação teoria-prática no ensino de leitura: o planejamento pedagógico como referência de análise*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2002.
- SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.



---

VIANNA, J. O. de A. *Planejamento participativo na escola: um desafio para o educador*. 2. ed. São Paulo: EPU, 2000.

VASCONCELLOS, C. dos S. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico*. 6. ed. São Paulo: Libertad, 1999.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. Trad. José Cipolla Neto, Luiz Silveira M. B e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1996.